



Representatividade das mulheres na IECLB

Women's representativeness in IECLB

Maria Fernanda Jacobus Illenseer*

Resumo: O presente trabalho visa apresentar um panorama da luta feminista dentro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Inicia com um contraponto entre a realidade na Letônia e no Brasil, com a finalidade de introduzir o assunto da representatividade. Com dados históricos e seleção de produção acadêmica da teologia feminista, apresenta conquistas do movimento, porém, também traz as dificuldades da presença feminina em espaços patriarcais, assim como de empoderamento das mulheres. Conclui, então, a expressão da luta feminista e a importância de mulheres em situação de poder.

Palavras-chave: Empoderamento. Feminismo. Gênero. IECLB. Representatividade.

Abstract: The present work aims to expose a view on the feminist struggle from within the IECLB (Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil) with historical data and the use of academic production of theological feminism, presents the movement achievements, but also exposes the difficulties of the feminine presence in patriarchal spaces, as well as the empowerment of women. Concludes, then, the huge expression of the feminist struggle and the importance of women in power.

Keywords: Empowerment. Feminism. Gender. IECLB. Representativeness.

Introdução

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB – é formada por comunidades, nas quais tanto mulheres quanto homens podem exercer o ministério com ordenação. Cresci em uma comunidade luterana, aqui mesmo em Porto Alegre, que já foi liderada duas vezes por pastoras. Além disso, duas madrinhas minhas são pastoras, o que fez com que me inspirasse a falar sobre o tema e de como a representatividade importa, seja qual for o lugar.

* Graduanda em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista do departamento de ciência política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: mafejacobus@gmail.com

Recentemente a Igreja Luterana da Letônia proibiu a ordenação de mulheres nas suas comunidades¹. Ordenação é o que permite que pessoas com formação para o ministério possam servir como pastor ou pastora de uma comunidade luterana. Na Letônia, mulheres podiam atuar como pastoras desde 1975, mas o Sínodo da Igreja Luterana da Letônia revogou tal decisão com 77% dos votos dos representantes. O arcebispo argumentou que sua decisão foi motivada pelo seguinte versículo bíblico: "Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio." (1 Timóteo 2.11-12) Devido à proibição da participação de mulheres no ministério, pastoras se reuniram no mundo todo e criaram uma campanha virtual, na qual todas postaram fotos com veste talar (vestimenta litúrgica oficial da Igreja) em apoio às pastoras da Letônia.

No Brasil as mulheres são ordenadas há mais de 30 anos². Um importante movimento feminista que reúne mulheres da Igreja Luterana na América Latina é a rede de teólogas e justiça de gênero que, por sua vez, está vinculada à MEIS (Mulheres na Igreja e na Sociedade), da Federação Luterana Mundial.

O tema da representatividade de mulheres em espaços de poder já é de extrema importância. Uma mulher ocupando a função de presidenta do Brasil, por exemplo, demonstra que o nosso sexo não deve ser uma limitação, que podemos ser o que quisermos, mesmo em lugares tradicionalmente ocupados por homens. E é exatamente assim que me sinto com mulheres pastoras nas comunidades luteranas. São mulheres inspiradoras que seguem sua vocação e estão em posição de poder dentro das igrejas, um lugar, ainda, com uma estrutura consideravelmente patriarcal.

Gênero e Representatividade

Dentre a literatura a qual tive acesso, destaco o livro *Estudos Sobre Gênero*³, escrito e organizado por ministras e ministros da IECLB. O livro compreende sete capítulos: Relações de Gênero, Equidade de Gênero, Justiça de Gênero, Gênero e Poder, Linguagem Inclusiva, Relações de Gênero e Leitura Bíblica e Gênero e cotidiano comunitário na IECLB: Um desafio de todas as pessoas. A leitura desse livro e a crescente do movimento feminista dentro da IECLB me inspiram. Admiro a coragem de mulheres que não admitem o machismo presente dentro da instituição e que lutam por justiça de gênero. Aqui um trecho do livro que demonstra exatamente o espírito de tudo isso:

¹ RÁDIO Vaticano. *Igreja luterana na Letônia proíbe ordenação de mulheres*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/08/igreja_luterana_na_let%c3%b4nia_pro%c3%adbe_ordena%c3%a7%c3%a3o_de_mulheres/1235726>. Acesso em: 14 jun. 2016.

² PORTAL Luteranos. *Missão com mulheres*. Disponível em: <<http://luteranos.com.br/organizacao/missao-mulheres>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

³ STANGE, Rosângela *et al.* *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: IECLB, 2013.

Precisamos ser autocríticos e reconhecer que a Igreja contribuiu e ainda contribui profundamente para a construção desses papéis de gênero. Através de uma linguagem que sempre priorizou uma visão masculina de Deus, a Igreja acabou divinizando a ordem patriarcal, isto é, criando a ideia de que Deus é apenas pai, em uma sociedade que toma a figura paterna como central para a organização social. É necessária a diversificação das metáforas e uma linguagem que considere outras características de Deus, para desconstruirmos um argumento religioso que sustente o patriarcado⁴.

A luta feminista por igualdade entre os sexos é muito antiga. Diariamente é importante que nos lembremos de que os nossos direitos não são privilégios, visto que equidade de gênero ainda é uma realidade distante, inclusive dentro da igreja, mesmo que existam avanços.

Outro trecho que merece ser destacado do livro que mencionei acima, afirma a importância de mulheres em posições de poder, ou seja, da representatividade de mulheres em espaços decisórios:

Podemos, então, perguntar-nos: se a igualdade de gênero é tão amplamente reconhecida, por que precisamos continuar falando sobre isso ainda hoje? Historicamente, mulheres têm, no Brasil, maior índice de desemprego do que homens, sobretudo as mulheres negras. Ou seja, gênero e etnia sempre se entrecruzaram na construção da desigualdade brasileira. As mulheres há tempos recebem menor salário do que homens para as mesmas funções e também permanecem mais na informalidade, sendo as negras mais vulneráveis ainda. As desigualdades, no entanto, não existem apenas no mercado de trabalho e na renda: quanto à representatividade política, mulheres ainda são minoria, mesmo que esta situação esteja mudando. A equidade representativa também é desafio para a IECLB. Para sermos uma igreja mais igualitária, precisamos promover sempre mais o acesso de mulheres a posições de poder⁵.

Na Faculdades EST (antiga Escola Superior de Teologia) existe um projeto denominado Programa de Gênero e Religião, que tem uma trajetória interessante em relação à teologia feminista e de gênero. Uma das publicações, o livro do teólogo André Musskopf, *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST*, fala sobre a realidade das mulheres no âmbito das pesquisas de gênero dentro e fora da universidade.

Pelo menos desde meados dos anos 2000 os recursos externos para financiamento do projeto Cátedra de Teologia Feminista foram sendo reduzidos. Duas docentes que atuavam nesse projeto saíram da instituição e outras duas que já atuavam na instituição assumiram o novo projeto “Programa de Gênero e Religião”. Menos horas de atividades, menos recursos para atividades, precarização das condições gerais de trabalho nessa área. Um novo momento da Igreja, da sociedade, um novo momento da teologia⁶.

⁴ BUTTELLI, Felipe Koch. Equidade de gênero. In: STANGE, Rosângela *et al.* *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: IECLB, 2013, p. 14.

⁵ BUTTELLI, 2013, p. 14.

⁶ MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: A construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014, pp. 12-13.

Ou seja, é evidente que não existe igualdade de gênero, nem nos lugares onde mais se prega isso. As pastoras lutam incansavelmente para a mudança desse sistema, querem a mudança da linguagem excludente e justiça de gênero dentro das instituições, independente de qual for. O movimento feminista está muito presente dentro da igreja junto com a teologia feminista, e é importante mostrar como o empoderamento feminino fora do âmbito religioso abriu espaço para as mulheres, membros da igreja, se manifestarem em relação a seus direitos. “[...] a justiça de gênero é a busca da cidadania plena de mulheres, como sujeitos de direitos, autônomas, não só no âmbito político, social, econômico, mas também nos espaços eclesiais, religiosos, teológicos.”⁷

Sinalizo avanços: A OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas – possibilitou maior participação de mulheres na igreja no final do século 19, espaço em que até então não ocupavam. Na década de setenta começou a discussão sobre teologia e mulher; na década de oitenta, as mulheres começaram a denunciar o caráter opressor, androcêntrico e patriarcal da igreja e nos anos 90 surgiu a teologia feminista.

No âmbito da fé, o ser humano é moldado como imagem de Deus e foi criado para experimentar a comunhão inclusiva, a justiça e o amor entre si e com toda a criação. Portanto, não experimentar essa comunhão entre iguais e viver na desigualdade é não responder ao chamado ou mandato de ser imagem e semelhança de Deus. A hierarquização, o poder centralizado e androcêntrico, patriarcal, produtor de opressão e de desigualdades são a quebra da imagem e semelhança⁸.

Existe também a Rede de mulheres e justiça de gênero da FLM (Federação Luterana Mundial), que pontua:

A FLM está comprometida a ser inclusiva e possibilitar a participação plena e equitativa de mulheres e homens na vida da igreja e na sociedade, bem como em seus processos de tomada de decisões, atividades e programas. Ela tem um histórico de decisões e ações que expressam esse compromisso. Esta Política de Justiça de Gênero, aprovada pelo Conselho da FLM em 2013, é uma ferramenta que visa a incrementar a caminhada da Comunhão rumo à inclusividade. Desenvolvida em um processo participativo, ela surgiu a partir de experiências de igrejas-membro. É enriquecida pelas bases bíblicas e teológicas de nossa identidade luterana e oferece orientação e metodologias para contextualizar planos e estratégias de ação nas regiões e para integrar a questão de gênero como prioridade transversal em todo o trabalho da Comunhão. Assim como o compromisso histórico da FLM de superar a violência contra as mulheres e sua reafirmação das mulheres em posições de liderança, a Política de Justiça de Gênero representa mais um marco à medida que a FLM caminha rumo à realização de sua visão de inclusividade⁹.

⁷ NEUENFELDT, Elaine. Justiça de Gênero. In: STANGE, Rosângela *et al.* *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: IECLB, 2013, p. 18.

⁸ NEUENFELDT, 2013, p. 17.

⁹ FLM – Federação Luterana Mundial. *Política de Justiça de Gênero*. Uma Comunhão de Igrejas. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2014, p. 1.

Considerações finais

A monografia apresentada demonstra que a luta feminista está presente em diversos espaços e coloca, ainda, o quanto a representatividade de mulheres em posição de poder dentro e fora da Igreja é de extrema importância. Olhando os trabalhos, artigos e livros produzidos pela teologia feminista, é possível ver a força e a coragem de mulheres que lutam pela mudança da cultura patriarcal ainda presente na instituição.

Assim sendo, é possível fazer o link com o tema “Lugar de mulher é na política”, trazendo a corrente política feminista que diz “tudo na vida é política”, inclusive mulheres em posições de liderança e poder dentro de uma estrutura originalmente excludente e opressora. Mulheres empoderadas e que – com luta – quebram barreiras, são políticas.

Referências:

BUTTELLI, Felipe Koch. Equidade de gênero. In: STANGE, Rosângela et al. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: IECLB, 2013.

FLM – Federação Luterana Mundial. *Política de Justiça de Gênero*. Uma Comunhão de Igrejas. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2014.

MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: A construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

NEUENFELDT, Elaine. Justiça de Gênero. In: STANGE, Rosângela et al. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: IECLB, 2013.

PORTAL Luteranos. *Missão com mulheres*. Disponível em: <<http://luteranos.com.br/organizacao/missao-mulheres>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

RÁDIO Vaticano. *Igreja luterana na Letônia proíbe ordenação de mulheres*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/08/igreja_luterana_na_let%c3%b4nia_pro%c3%adbe_or_dena%c3%a7%c3%a3o_de_mulheres/1235726>. Acesso em: 14 jun. 2016.

STANGE, Rosângela et al. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: IECLB, 2013.